

SALA DE AULA INTERATIVA

Jair Ferreira dos Santos

Autor de Que é pós-modernidade (Brasiliense, 1985)

e A inexistente arte da decepção (Agir, 1996)



SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2000. 230 p.

Repensar a educação em plena revolução informacional tem sido, a crermos nos pais e nos professores, uma tarefa ingrata, mas inadiável. Como preparar as novas gerações para a chamada era digital, seja lá isso o que for? Como formar cidadãos para a vida em sociedades capitalistas globalizadas que se dissolvem em fluxos de mensagens, com a produção regida pelo conhecimento e a comunicação, e onde a realidade cada vez mais vê-se acoplada, na experiência humana, ao virtual?

Teóricos antenados no futuro argumentam sem muito esforço que a escola deve adaptar-se às mudanças, começando por

abraçar as tecnologias da informação já disponíveis no mercado, relegando a segundo plano a lição-padrão, com o velho professor-dita-aluno-anota, com ferramentas rígidas como livro e quadro-negro. Esta é, aliás, a sugestão menos polêmica defendida no livro *Sala de aula interativa* pelo sociólogo e doutor em educação Marco Silva, para quem apoiar-se na onda digital seria a melhor maneira, para a pedagogia, de saltar o fosso entre o novo espectador, afeito ao computador, ao videogame, ao CD-Rom, e a instituição escolar, essa “ruína” perdida no deserto das ideologias e da cultura humanística.

Ousado, minucioso (quase trezentas obras na sua bibliografia inteiramente interdisciplinar), o trabalho maneja com entusiasmo um exuberante volume de inovações ao estabelecer, no âmbito da educação, pontes, passagens entre conceitos pinçados na filosofia pós-moderna e na cibercultura. Lá estão, imbricados ou bricolados, a complexidade, o rizoma, o caos, o webtribalismo. Os mestres invocados vão de Morin e Maffesoli a Pierre Lévy e Gilles Deleuze, gente nada conformista. Pois trata-se de anunciar uma transformação radical no ensino: a lógica moderna da distribuição, que é massiva e linear, tomando o saber como produto acabado, deve dar lugar à lógica da comunicação interativa, na qual a navegação ao acaso e a vivência da descoberta falam mais intimamente à sensibilidade atual. Desgastada, a metáfora da árvore, usada há séculos para representar o saber e a vida como progressão integrada, é substituída pela jovem metáfora do hipertexto, com seus percursos aleatórios, sua circulação sem centro e sem fim.

A suposição é de que alunos teleinteligentes, acostumados à autonomia e ao faça-você-mesmo, estimulados pelas máquinas, não querem repetidores de histórias, mas professores que atuem como designers de softwares ajudando-os a construir a lição. Aqui, a idéia de interatividade, eixo da obra, revela toda a sua potência, especialmente porque possibilita ao usuário a inter-

ferência na montagem do conhecimento. Ensinar ganha, assim, a sedução e a casualidade criativas dos jogos no diálogo com equipamentos altamente performáticos.

É bonito demais para ser verdade, embora não seja de todo ilusão. Se abalou a autoridade, o hipertexto felizmente ainda não aboliu o bom senso. *Sala de aula interativa é superfashion*, mas tem problemas. Amigável, sua linguagem abusa da redundância e da aliteratura. O ânimo ditirâmico na acolhida dada à informática traz ecos, mesmo que o autor nos advirta contra elas, de utopias publicitárias. Sua desenvoltura teórica pouco desce à terra, deixando na sombra pontos críticos, zonas de conflito. As tecnologias informacionais são consideradas benéficas a priori e sem fracassos, quando se sabe que vários tipos de livros em CD-Rom, por exemplo, não emplacaram. Além disso as vantagens agregadas pelo computador e a Internet na educação não escapam, sob muitos aspectos, à contestação (a rede descontextualiza a criança, dizem), sem falar na falta de perspectiva temporal para avaliá-las. No terreno prático, não se visualiza como agiriam os ditos designers, nem se mencionam os graus para os quais são adequados. Por fim, a verificação dos conhecimentos adquiridos é assunto inteiramente descartado.

Embora mostre energia especulativa, o texto contorna uma questão essencial – as relações entre a cultura letrada e a eletrônica. Como se contaminam ou se acomodam mutuamente? Para onde caminham? Se a literatura, a filosofia e o intelectual humanista tendem ao ostracismo, não é menos visível que a cibercultura, florescente em países com alta escolaridade, depende de uma base letrada. É o que se nota no uso do *e-mail*, na participação nos *chats* e entre os *hackers*. Ou, então, porque se trata da aplicação de ferramentas poderosas, seria mais que desejável sondar suas conseqüências, programa encetado pela norte-americana Katherine Hayles, cujo livro *How We Became Posthuman* sustenta que a conexão homem/máquinas cibernéticas está provocando uma mutação antropológica.

Marco Silva estréia apadrinhado por estudiosos do contemporâneo com o renome de Jurmir Machado (orelha) e Arlindo Machado (contracapa). Ambos elogiam, com razão, sua verve afirmativa ao navegar pelo oceano ainda brumoso das novas mídias. Realmente sua contribuição se destaca pela riqueza e o ineditismo, entre nós, da trama intertextual. O autor leu e interligou com argúcia quase tudo. Quanto ao resultado, só os fatos vão decidir se o canto de sereia tecnológico que ele ouviu recebeu a interpretação correta.